

## Resenhas Críticas

---

TELES, Maria Luisa Silveira. *Aprender psicologia*. São Paulo: Brasiliense, 1990. 107p.

"A história da Psicologia, propriamente, no Brasil, ainda está por se fazer", assinala A. Cabral (1950, p.26). Quer a autora expressar, com essas palavras, a inexistência, até então, da pesquisa sistemática e, conseqüentemente, a não-produção do conhecimento científico. As primeiras universidades começaram a ser formadas em 1934. O estudo da Psicologia realizou-se, porém, durante décadas, na cadeira de Filosofia. Os cursos oferecidos eram, geralmente, de caráter monográficos e discursivos. Não havia atividades em laboratório e nem estudos de campo. Isto só viria a acontecer por volta de 1945.

A falta de universidades condicionava o autodidatismo e, sobretudo, a dependência do acaso. Viam-se, assim, dependentes de leituras ou contatos fortuitos ilustres representantes da inteligência nacional. Benjamin Constant descobre casualmente, numa livraria do Rio, uma das obras de Comte e se torna um arauto do Positivismo, na Escola Politécnica e na Escola Militar. Não menos dependente

das incertezas, o pedagogo Roldão de Barros, mediante empréstimo de um amigo chegado da França, to ma conhecimento da versão francesa do *Briefer Course*, de William James, dando início à tradição jamesiana em São Paulo. Lourenço Filho, lecionando numa escola mantida por uma fundação norte-americana em São Paulo "descobre" na biblioteca dessa instituição livros americanos de psicologia educacional, leituras que, segundo Cabral (p. 27), tiveram acentuada influência na trajetória profissional e acadêmica desse educador.

Com a expansão das escolas e cursos superiores, o autodidatismo modifica-se e outras formas de dependência cultural se configuram a partir de acordos econômicos e acadêmicos entre o Brasil e as nações. O acesso a obras estrangeiras é facilitado pelas traduções de *handbooks*. O crescimento editorial acompanha a expansão dos cursos universitários nas décadas de 60 e 70. Os manuais traduzidos para a língua portuguesa estabeleceram um modelo de livro-texto logo copi-

ado por autores nacionais. No campo da Psicologia, os livros-texto tenderam a espelhar os padrões americanos e europeus tanto no estilo editorial quanto no conteúdo. Não incomumente as obras de autores nacionais desconhecem a produção científica brasileira. E exatamente o caso de *Aprender Psicologia*.

A presente obra, destinada aos estudantes de ciências humanas e ao público em geral, interessado no estudo da Psicologia, compõe-se de três partes: 1) *uma explicação sucinta da Psicologia*, a origem da palavra "psicologia" (do grego, *psyché*, "alma", expressão talvez usada pela primeira vez por Melancton, em 1950), englobando um apanhado histórico da ciência e o momento atual, no qual "a psicologia engatinha e encontra-se numa encruzilhada" (p. 17); 2) *temas básicos*: descrição sumária de tópicos como emoção, percepção, motivação etc. No que se refere à aprendizagem, a autora não privilegia uma abordagem teórica específica, procurando passar ao leitor uma visão na qual relaciona conceitos de inteligência, motivação, percepção etc. Idem com relação à maturação, à personalidade, com textos bem escritos e elucidadores; 3) *teorias*: esta parte é iniciada com uma breve explicação sobre "teoria", passa uma visão rápida sobre os grandes sistemas (estru-

turalismo, funcionalismo etc.) chegando aos autores que deram origem a verdadeiros "sistemas de pensamento": Freud, Jung, Adler, Sullivan, E. Fromm, K. Horney, Maslow, E. Erikson, F. Peris, K. Lewin, Reich, Piaget, Rogers, Skinner. Um quadro amplo, porém, conciso.

Bem escrito, *Aprender Psicologia* talvez devesse ter outro título, a considerar a estrutura da obra, meramente informativa e, sobretudo, evasiva ao apresentar os temas ou discorrer sobre as teorias. A visão que passa ao leitor é a de um "quadro" descritivo acabado. Como compreender o sentido de uma teoria cuja descrição se estabelece descontextualizada do seu momento histórico? Além desse aspecto, muitas das teorias apresentadas ao leitor são verdadeiros sistemas de pensamento que, é possível dizer, antecedem ou transcendem as questões, hoje, da Psicologia enquanto disciplina científica; as teorias psicanalíticas apresentadas (Freud, Jung, Adler) envolvem questões ou muito amplas ou muito específicas para o presente projeto editorial. Já Kretschmer, Sheldon (teorias tipológicas) pouco ou nada significam ao pensamento psicológico corrente. Quanto à apresentação dos temas, segue um padrão determinado pela psicologia americana ou européia — uma concepção positivista que abstrai o

ser humano do seu meio cultural, em busca de um modelo científico determinado pela Física, pela Fisiologia etc. —, incentivado pelo "movimento" editorial que acolhe esse conhecimento como um produto exportável. É o que espelha e suscita o presente trabalho.

Não há no livro referência às teorias relacionadas às questões emergentes da aprendizagem escolar, aos estudos de psicologia educacional, industrial e social, no panorama brasileiro — e são inúmeras as contribuições nesse sentido. Em consequência disto, perde a autora, que tão bem expressa "seus" pensamentos, a oportunidade de oferecer ao leitor questões

essenciais, tanto teóricas como práticas, que o estudo atual da Psicologia exige: uma visão vigente da história da Psicologia, o que se faria mostrando como esse conhecimento é produzido, quais as implicações do seu uso no trabalho, nas situações sociais cotidianas e em condições específicas como a reabilitação etc. e, se possível, acompanhada de sugestões de experimentos para realização por parte do aprendiz; enfim, uma vivência possível e importante para um conhecimento menos formal da Psicologia.

Dirceu R. Carvalho  
Universidade de São Paulo (USP)